

A coragem de escrever e viver^{*}

MANUEL ARRANZ^{*}

Tradução: Lucilene Machado Garcia Arf^{***}

Sempre pensei, bem como falei, que o romance é um gênero da maturidade. E continuo a pensar e a dizer, apesar de algumas conclusões e definitivas refutações, como este romance de Clarice Lispector. Certo é que os grandes nascem grandes. Somente os pequenos crescem. Se este argumento não for convincente, pensem simplesmente que a exceção confirma a regra.

Eu não duvido que Clarice Lispector seja uma escritora brasileira que renovou ou foi uma revolução nas letras brasileiras de sua época, em todo caso, não deixa de ser uma forma geral de falar. Porém, para mim, Clarice Lispector é uma escritora universal e sua obra, seus romances, seus contos, são de uma intensidade, uma profundidade e uma originalidade que seria injusto limitá-la às letras brasileiras. Ainda que este seja um lugar comum, ninguém se parece com Clarice Lispector e Clarice Lispector não se parece a ninguém. É uma escritora única em todos os sentidos que esta expressão possa ter. Eu não tenho mais remédio senão admitir, como fizeram a maioria de seus críticos, que sua escrita é uma escrita de mulher. E nisso também é única. Definir o que seja uma escrita de mulher não é tão fácil, e na maioria das vezes não passa de um recorrente tópico. Entretanto, em seu caso não é. Nela, eu acredito, se cumpre a assertiva de que o estilo é a falta de estilo. Suas palavras palpitam, suas frases fluem, suas metáforas, suas imagens, o caso omissivo que faz de todas as convenções literárias o absoluto desprezo aos artifícios. Em contrapartida, é algo inconfundível para quem leu algum de seus livros e não encontrou nada parecido em nenhum outro lugar que não fosse seus outros livros. Seus livros não produzem admiração e sim uma espécie de devoção. Não são perfeitos, não estão bem escritos, não são equilibrados, não são harmoniosos, nem

* N. E.E.: Texto originalmente publicado em LISPECTOR, C. *Cerca del corazón salvaje*. Traducción e introducción de Basilio Losada. Madrid: Siruela, 2002. s/p.

* Licenciado em Filologia pela Universidade de Valência. Tradutor e crítico literário. Colaborador habitual de revistas culturais como *Archipiélago*, *Claves de Razón Práctica*, *Letras Libres*, *Revista de Occidente*, *Turia*. Traduziu, dentre outras, obras de Georges Bataille, Maurice Blanchot, Jacques Derrida, Antoine Compagnon, Rousseau. E-mail: arranz_man@gva.es

*** Departamento de Letras Modernas; Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – campus do Pantanal – UFMS/CPAN – 79304-902 – Corumbá – Brasil. E-mail: lucilenemachado@terra.com.br

nos deixam, após a leitura, a sensação de cumplicidade, ou a íntima satisfação de havê-los compreendido, como os outros livros. São o contrário: encantadores, selvagens e às vezes brutais. E a sensação que nos deixam é das mais estranhas: tormento e desamparo, uma consciência de estar diante de algo e diante de alguém que põe sua alma inteira no que escreve. O ofício de Clarice Lispector, parafraseando outro autor que depositou como ela toda carne no espeto, não era outro senão o ofício de viver.

Clarice Lispector escrevia, anotava tudo o que lhe ocorria, anotava frases, não tinha uma ideia clara de romance, de modo que chamar seus livros de romances é outra contravenção. Apenas, de repente, descobria que todos aqueles fios formavam uma trama e, então, se colocava a tecê-los. Sempre fora assim, conta ela, apesar de ter um livro intitulado *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* que pode insinuar outra coisa. Se precisasse falar de sua técnica narrativa, essa seria sua técnica: escrever sem sossego, sem nenhuma direção, sem nenhum plano prévio, escrever por instinto de sobrevivência, inclusive. Essa técnica de escrita justifica, talvez, que seus romances possam começar por qualquer página. Há um fio narrativo evidente, porém apenas isso, como também há um fio nos colares de pérolas. O fio é o que as mantém unidas, ainda que cada uma por si só tenha um valor próprio, um colar é algo mais que uma soma de pedras. Assim são também os seus livros.

Não escreveu muito. Oito romances e o póstumo e estremeedor *Um sopro de vida*, algumas coleções de contos, que para muitos de seus críticos e leitores contém o melhor de sua obra, alguns livros infantis, traduções (de Wilde, London, Agata Christie, etc.) colaborações na imprensa.

Perto do coração selvagem surgiu em 1944, quando Clarice tinha apenas vinte anos, ou um pouco mais (a data de seu nascimento segue sendo incerta). Antes já havia escrito contos que as revistas literárias não publicavam nunca, pois eram, como dizia, contos pouco convencionais. O romance, pelo contrário, teve um êxito fulminante. Sua originalidade, seu mistério, seu inclassificável estilo foi muito comentado pelos críticos que, como quase sempre costuma ser, erraram em sua maioria. Atribuíram a ela influências de livros que não havia lido e a compararam com autores que ainda não conhecia (Joyce, Virginia Wolf). Porém, é assim a crítica. O que não se deram conta, ao contrário, ou talvez sim, é que em seus livros a técnica era o que menos importava. Clarice Lispector se auto-observava a viver e tratava de questionar o que sentia, tudo o que sentia e também o que não sentia e que os demais esperavam que sentisse. O olhar que lançava às coisas e às pessoas era implacável, as deixavam nuas, expostas, ridículas. Porém, nem ela se livrava desse olhar e tampouco se livrava de se perguntar “como sou e por que sou como sou”. “O movimento explica a forma” escrevia, como viver explica a vida. Por que “que importa mais: viver ou saber que se está vivendo?” Como se pode ver, não estamos diante de nenhum experimento verbal. As palavras com as quais Clarice Lispector escreve seus livros são pura vertigem. É uma autora que não aceita meias-medidas. E algo que assinalaram os críticos neste primeiro romance, e que ainda seguem assinalando, é a qualidade poética de sua prosa. De novo, uma maneira genérica de falar. Ela seguramente não estaria de acordo. A confusão é produzida pelo efeito devastador de sua prosa. Parece que tratá-la como poesia a tornaria menos nociva. Todavia,

não cabe dúvida que é prosa. Prosa sem esculpir, prosa em estado puro. Logo vieram outros livros: “nasci para escrever”, disse, porém só porque “escrever significa procurar entender e procurar reproduzir o irreproduzível”. Poucos escritores conseguiram atingir esse ponto.

ARRANZ, M. The Courage of Writing and Living. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 7, n. 2, p. 263–265, 2015.

Referências para a tradução

ARRANZ, M. El coraje de escribir y vivir. In: LISPECTOR, C. *Cerca del corazón salvaje*. Trad. e intr. Basilio Losada. Madrid: Siruela, 2002. s/p.